

## O CONTRIBUTO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS PARA UMA NOVA CIVILIZAÇÃO ESPIRITUALISTA NO SÉCULO XXI

---

*Paulo Garcia*

“– Já to disse, aquilo que os faz viver é também aquilo que os faz morrer. Enriquecem com os simples que foram estimulados por outros movimentos e que crêem que se trata do mesmo movimento de revolta e de esperança; e são destruídos pelos inquisidores, que atribuem a uns os erros dos outros, e se os seguidores de um movimento cometeram um delito, este delito será atribuído a cada seguidor de cada um dos movimentos. Os inquisidores estão errados segundo a razão, por que juntam doutrinas contrastantes; têm razão segundo o erro dos outros, porque quando nasce um movimento (...) numa cidade para aí convergem também aqueles que seriam ou foram cátaros ou valdenses algures. Os apóstolos de Frei Dolcino pregavam a destruição física dos clérigos e dos senhores e cometeram muitas violências; os valdenses são contrários à violência, e os fraticelli também. Mas tenho a certeza que nos tempos de Frei Dolcino convergiram no seu grupo muitos que já tinham seguido a pregação dos fraticelli ou dos valdenses. Os simples não podem escolher a sua heresia, Adso, agarram-se a quem prega na sua aldeia, na sua praça. É com isto que jogam os seus inimigos.

“(…) – Portanto não há relação entre eles e é por engano do demónio que um simples que quereria ser joaquimita ou espiritual cai nas mãos dos cátaros ou vice-versa?

“(…) – E no entanto não é assim. Procuremos recomeçar do princípio, Adso e asseguro-te que procuro explicar-te uma coisa sobre a qual nem eu sequer creio possuir a verdade.”

Umberto Eco, *O Nome da Rosa*

Pouco antes de falecer Pierre Bourdieu afirmou numa conferência a convite do movimento sindical que só poderia existir esperança para a resolução dos graves problemas sociais do mundo actual se se verificasse uma união entre o sistema universitário, os sindicatos e os movimentos sociais. O conhecimento científico do meio académico reconhece este nome como um dos maiores das ciências sociais do século XX, gostaríamos de dedicar à sua memória esta conferência.

Vivemos no Tempo e no Espaço, entre dois Mundos, num túnel em que as realidades se anularam; de certa forma vivemos já fora do Tempo e do Espaço de um Mito com sentido. As palavras perderam grande parte do seu valor esse é um dos primeiros problema a analisar. Verificou-se nas últimas décadas uma destruição do sentido, por um lado, do sentido da vida, por outro do sentido do Verbo na sua quase totalidade.

As noções de Verdade e de DEUS foram de tal forma atacadas que se torna hoje difícil abordar esses conceitos essenciais a toda a tradição filosófica. Ao longo de milhares de anos os nossos antepassados estabeleceram laços com a Natureza, com DEUS, com os espíritos dos Antepassados e certamente achariam muito estranhas as actuais concepções materialistas.

Com base no racionalismo cartesiano e em Hegel, a partir do século XIX desenvolveram-se concepções positivistas e materialistas de encarar as ciências sociais e humanas. Nos seus aspectos dominantes essas concepções perduram até hoje e foram úteis para a compreensão da sociedade. Noções sociológicas como as de classe social, forças produtivas, instrumentos de produção, o facto social de Durkheim, a linguística, o pragmatismo, REPRESENTARAM IMPORTANTES PROGRESSOS PARA A COMPREENSÃO DAS SOCIEDADES ACTUAIS ALTAMENTE COMPLEXAS.

Verificou-se também a instrumentalização das ciências sociais e humanas com fins políticos que em muitos aspectos nada tinham a ver com os objectivos dos seus criadores. O funcionalismo e o marxismo foram instrumentalizados por forças políticas de direita embora com nomes diferentes. Concepções filosóficas várias foram usadas por ditadores de toda a espécie para estabelecer a competição entre nações e povos. Basicamente essa competição ideológica levou a grandes progressos tecnológicos que talvez não se tivessem verificado sem factores negativos como a agressividade e o desejo de conquista.

Pode-se dizer que nenhuma área do conhecimento social e humano escapou à manipulação por parte de forças poderosas que alteraram completamente o sentido da vida de milhões de seres humanos e levaram a uma transformação radical da natureza. Milhões de seres humanos que viviam em comunhão com o Universo viram a sua existência DESTRUÍDA/TRANSFORMADA e milhões de espécies de animais e vegetais desapareceram da face do Planeta.



Como foi possível num curto espaço de tempo desaparecer o modo de vida de milhões de seres humanos? Como foi possível num tão breve período assistirmos ao domínio sem precedentes da língua Inglesa (90% da comunicação na Internet é feita em inglês)? Um intelectual português referiu recentemente num jornal que na Europa já ninguém falava o francês nas ciências sociais e humanas; então e o português? Será possível pensar em português os grandes desafios das ciências sociais e humanas? Alguns intelectuais afirmaram no passado que o alemão seria a língua filosófica por excelência, outros o francês e o inglês. A questão linguística permanece como uma das mais cruciais e é urgente lutar por um espaço de pensamento francófono de grande qualidade. O pensamento francófono em torno de tradições importantes como as de Pierre Bourdieu, Paul Beaud. Miège, Grysperdt, juntamente com o português do Brasil e o espanhol da América Latina têm um mesmo desafio comum; a resistência ao pensamento único anglo-saxónico de raiz materialista.

Como foi possível passarmos da vivacidade do debate de ideias nas Universidades e fora delas em que adversários esgrimiam interessantes argumentos políticos fundados numa cultura sólida para o consenso do Centro Comercial e do consumismo absoluto? A quase totalidade dos seres humanos dos países desenvolvidos passam praticamente todo o seu tempo a ganhar dinheiro, a gastá-lo ou a dormir. Factos sociais de há dois ou três anos atrás parecem já perdidos numa longínqua pré-história. Já ninguém consegue imaginar a sua vida sem telemóveis, Internet, electricidade ou computadores.

Perante este panorama obras como a de Gilles Lipovetsky sobre a Era do Vazio tornaram-se referências indispensáveis.

Em relação ao domínio científico das Ciências da Comunicação consideramos que não se verificou até hoje o desenvolvimento e ultrapassagem de uma obra que consideramos essencial no panorama da sociologia da comunicação do século XX. A Sociedade de Convivência de Paul Beaud.

Esta obra marcou e marca uma profunda reflexão sobre o facto de todos os aspectos da vida social actual estarem prisioneiros de uma Convivência com a ideologia dominante do sistema capitalista apoiada nos media e na logocracia, inclusive o associativismo e a vida cultural. Beaud, faz uma minuciosa análise da relação entre o desenvolvimento dos Média e as problemáticas sociais. A construção mediática de um problema obedece a um processo social bem estruturado.

Beaud fala-nos de uma nova classe social, a logocracia, que se definiria pelo seu acesso aos Média e pela sua interconexão com o associativismo e que teria um papel fundamental na gestão da sociedade. Por outras palavras, o moderno capitalismo não poderia sobreviver sem a ideologia dominante produzida por essa logocracia cujo papel seria determinante na escolha dos



temas de que a sociedade se poderia ocupar; hoje a ajuda a um povo distante, a SIDA, a energia nuclear, etc, etc. A escolha desses temas teria a ver com a posição social e a necessidade de afirmação de um conjunto de cidadãos que, ao contrário da burguesia tradicional, não teriam um património que lhes permitisse ascender socialmente, mas sim uma série de competências comunicacionais e um conjunto de saberes particulares. O conceito de logocracia de Beaud e de Sociedade da Conivência são assim fulcrais na nossa investigação.

A corrente “crítica”, “pessimista”, ou “realista”, considera que a visão “positivista” do actual pensamento social decorre fundamentalmente de um estudo pouco neutro em relação aos grandes valores da sociedade capitalista; de acordo com essa crítica, nada melhor do que debates intelectuais em torno da Defesa dos Consumidores para propagar ainda mais a Sociedade de Consumo, ou seja, estes autores salientam que o Marketing das grandes empresas leva os intelectuais/consumidores de modas a fazerem a divulgação dos seus próprios produtos e ideias. Existiria assim um mito racionalista, na realidade seria impossível dizer cientificamente qual o melhor filme ou o melhor livro, tudo seria uma questão simbólica e de manipulação de elementos informativos. O moderno associativismo e uma parte substancial dos estudos de ciências sociais e “filosóficos” seriam uma peça fundamental daquilo a que Beaud chamou a Sociedade de Conivência, ou seja, devido à extrema complexidade das sociedades actuais a ideologia dominante teria delegado aos logocratas e a certas Associações estratégicas a resolução “mediática” de muitos problemas sociais que já não interessariam nem ao Estado nem às empresas. Por exemplo, a Ecologia seria um assunto das Universidades e de associações ambientalistas; nesta perspectiva o melhor exemplo será os Estados Unidos em que o Estado Americano e as grandes empresas parecem quase completamente alheadas da sobrevivência do Planeta.

As grandes causas do passado e do presente não interessariam às empresas por não serem lucrativas, a não ser em termos de imagem e acções pontuais de Relações Públicas. Assim seria útil para o poder político e empresarial a promoção ideológica da existência de voluntários que tratariam dos grandes problemas sociais e ecológicos de forma a evitar rupturas na Sociedade, desordens, revoluções, etc. Às classes médias pede-se constantemente que sejam solidárias mas não à hiperburguesia ou às elites.

A própria autoorganização dos pobres é uma ideia defendida desde há muito anos tanto pela tradição leninista clássica, como pelos “leninistas do mercado” e que Beaud designou pelo empiricismo liberal, a par da responsabilidade moral e ética das empresas muito falada mas pouco praticada. Mais ainda, de acordo com esta perspectiva, que estamos a resumir de forma muito esquemática, as Organizações sem Fins Lucrativos, os media e as



Universidades são também uma forma de Relações Públicas para muitos grandes intelectuais que possuem assim múltiplas tribunas para surgirem como defensores do Bem Comum.

De qualquer forma a grande interrogação trouxe-nos a Antropologia, “O que é o Espírito Humano de que fala Levi-Strauss”? “A pretensa consciência colectiva reduzia-se a uma expressão, ao nível do pensamento e do comportamento individual, de certas modalidades, temporais, das leis universais nas quais consiste a actividade inconsciente do espírito”<sup>1</sup>. De certa forma, o inconsciente do espírito tem aqui o valor do que Durkheim chama a autonomia do facto social relativamente às consciências individuais.

Outra noção importante para nós tem a ver com o mito enquanto narrativa das origens para citar de novo Levi Strauss. Os mitos, nomeadamente dos Novos Movimentos Sociais, são relativamente fracos, se exceptuarmos evidentemente as “Novas” formas de espiritualidade ou Religiosas como lhes quisermos chamar e que alguns baptizaram apressadamente de “New Age”, Nova Era. Um conjunto de preocupações educacionais e de carácter universal e que foram desenvolvidas por outra obra que consideramos ímpar nas ciências sociais do século XX, “*Les nouvelles voies spirituelles*” do Professor Mayer, à semelhança de Paul Beaud nosso colega da Universidade de Lausanne na Suíça. A nosso ver será da junção destas duas obras de referência e dos respectivos campos de estudo que estará a solução para muitos bloqueios teóricos e de acção social neste início do século XXI a nível das ciências sociais e humanas.

Apesar do que dizem muitos dos seus fundadores, os novos movimentos sociais/religiosos nascem de preocupações de bem estar físico e mental dentro da tradição associativista de educação e recreio. Os Novos Movimentos espirituais ligados ao YOGA, à Ovnilogia, à alimentação e a tudo quanto genericamente podemos designar de Espiritualista, partem de preocupações sociais ligadas a doenças e outras “malaises” da civilização a que a ciência ou as religiões tradicionais não souberam ou não quiseram responder. Curioso é constatar que da parte destas novas correntes, ao contrário da Ecologia ou de outros movimento sociais, existe um discurso estruturado sobre uma “Nova Civilização”, e referências explícitas á importância das ciências sociais e humanas e ao associativismo. Através da organização de seminários e conferências, em que participam sociólogos e antropólogos de renome, retiram-se conclusões generalizáveis embora sem situar um Plano coerente e pragmático de construção social da realidade.

Seria natural que nas referências a uma Nova Era, a uma Nova Civilização Espiritual, entrassem ideias mais estruturadas. Desde ponto de vista a observação feita por Jost, em relação à Suíça, sobre o relativo apagamento

---

<sup>1</sup> Strauss, Levi, *Raça e História* p. 75, Livraria Universal



mediático das novas correntes tem aqui a sua razão de ser que deriva provavelmente de uma avaliação em termos de relação de forças.

No entanto podemos interrogar-nos se sem uma forte escola associativa se muitas destas novas religiões ou organizações espiritualistas poderiam ter sobrevivido. É evidente que fazem parte da modernidade pois a sua existência em sociedades fechadas, antidemocráticas ou ditatoriais é francamente impossível. Tanto sob regimes estalinistas, como fascistas ou de “fundamentalismo” religioso, estas organizações não conseguem sequer nascer quanto mais desenvolver-se. O seu discurso é por vezes fortemente crítico da civilização materialista reenviando sempre para um certo “fundamento” religioso. O seu contributo para as ciências sociais e humanas é mais indirecto, á semelhança do que acontece com a obra do Professor Mayer ou do que acontece com investigadores que vão buscar muita da sua inspiração a estes novos movimentos espirituais. Estas organizações podem referir princípios ou ideias significativas para uma ética do comportamento humano que passa muitas vezes por um apelo claro ao associativismo, nomeadamente no campo ecológico, na ajuda aos mais desfavorecidos e sobretudo numa lógica de resolução de problemas por parte da sociedade sem estar à espera que seja o Estado a fazer tudo.

O associativismo e as ciências sociais constituem um fenómeno social com as suas raízes no século XIX, isto no que diz respeito ao Mundo Ocidental. Tocqville referia os Estados Unidos, como a pátria do livre pensamento e do associativismo. Podemos dizer que a Associação Humana e as suas várias formas são tão velhas quanto a Humanidade mas de facto é só a partir da emergência de sociedades com Estado que a formação de Associações de Cidadãos se coloca como um problema. Na genealogia desta evolução podemos referir as concepções de Aristóteles e Hegel, nomeadamente no que diz respeito à importância da família e das corporações.

O nosso interesse por esta temática partiu essencialmente da possibilidade de se considerar uma Terceira Via de Desenvolvimento Social entre as concepções Liberais e Neoliberais da preponderância do mercado e a importância atribuída à Perspectiva Social, apoiada na predominância do Estado sob os vários níveis da Sociedade. A perspectiva de desenvolvimento social a partir do associativismo sempre existiu, ela esteve no entanto subconsiderada em relação ao Estado e á importância das actividades empresariais. Considerava-se a importância do associativismo mais no domínio das acções recreativas ou de iniciativas pontuais, a nível da solidariedade social, mas nunca foi um objecto de estudo de eleição para as ciências sociais e humanas, a nosso ver devido a condicionantes ideológicas do pensamento académico. Muitas das monografias que tem sido feitas em Portugal a este nível tem sido desenvolvidas por quadros associativos e ligados ao poder local de ideologia comunista ou então ligados à Igreja Católica. Com o fim dos



Regimes ditos Socialistas (em que as ciências sociais e humanas tinham um regime de funcionamento algo “escolástico”, aqui sem desprimor para a Escolástica”) e o fim do Estado Providência (?) vários autores tem chamado a atenção para a importância das Associações ou Organizações Sem Fins Lucrativos (OSFL) funcionarem de acordo com regras científicas da Gestão (aqui temos o problema do estatuto epistemológico da Gestão enquanto disciplina mas também do Marketing e das Relações Públicas). Alguns paradigmas têm aqui de ser considerados.

1 – A importância deste género de associações para o processo produtivo. Geralmente eram consideradas não produtivas, vidé as concepções de Porter, razão por que foram durante muito tempo relegadas para um segundo plano de importância histórica. Porter considera mesmo a sua influência negativa a nível da Economia Capitalista ou Pós-Capitalista como lhe quisermos chamar.

Desde já importa reter que a nossa posição não é nem pessimista nem optimista, queremos simplesmente analisar de um ponto de vista sistémico e comunicacional a importância destas organizações no quadro do pensamento das ciências sociais e humanas e do seu contributo para uma nova civilização.

2 – No que diz respeito a Portugal é indispensável uma referência à evolução do nosso país ao longo deste século, a importância que deteve a Federação das Cooperativas de Produção lideradas por Tomás de Figueiredo no período subsequente ao 25 de Abril, e em seguida a experiência do INESC já nas décadas de Oitenta e Noventa. O trabalho teórico produzido a este nível parece-nos fundamental.

O associativismo tem várias dimensões científicas que nos interessam. Uma dimensão de Escola da Democracia que a esmagadora maioria dos autores defende como um aspecto importante, expressão da Colectividade no seu conjunto de que o Estado seria a encarnação máxima e expressão de sectores particulares da Sociedade. Enquanto pensamento organizado deveríamos nos interrogar sobre o facto de uma Escola como a nossa, a Faculdade de Ciência Sociais e Humanas, ser gerida de acordo com os padrões de racionalidade de uma Organização Sem Fins Lucrativos que contrata com o Estado a prestação de serviços e ser uma das poucas organizações existentes em Portugal que não dá lucro nem prejuízo e por isso deveria ser considerada um bom exemplo por todo o país. Somos de facto uma associação livre pelo menos ao nível espiritual. Será esse o modelo organizacional do século XXI, a Associação de pessoas com uma cultura comum e uma tradição que neste caso seria a tradição científica da nossa instituição?

Beaud, (1984) caracterizou o sistema associativo como mais uma das peças da Sociedade de Conivência, fundamentalmente um sistema de ascen-



são social o que a nosso ver não é contraditório com as considerações anteriores.

Ao nível das ciências sociais e humanas existe outro conceito fundamental que é o de Utopia, um lugar, “topoi”, uma retórica que ainda não se materializou.

Podemos considerar a sociedade ideal como o fruto da conjugação da Utopia de Agostinho da Silva, O Rei Eleito, ou seja JESUS CRISTO vivo da tradição oral e a materialização do Quinto Império de todos os sonhos que vão desde o padre António Vieira até Pessoa. O Associativismo, o Respeito pela Lei e um nível aceitável de desenvolvimento empresarial e Burocrático, seriam então a verdadeira cultura cristã. O que entendemos aqui por cultura cristã? De geração para geração, a nossa memória enfraquece, visto que, abandonando a tradição oral para a tradição escrita, recorreremos cada vez menos frequentemente a esta capacidade cognitiva. Desta forma, contrariamente àquilo que se pensa, a tradição oral seria mais sólida que a tradição escrita. Na nossa cultura a nossa memória é suposta ser subjectiva, uma “faculdade da alma” pertencente a cada indivíduo. Cultura e arte enquanto qualquer artefacto é a noção antropológica. Originalmente, a palavra “cultura” foi inventada por Cícero, para quem “a filosofia” é a “cultura da alma”. Esta primeira definição da cultura inscreve-se numa visão humanista, que os filósofos do século XVI tomaram por sua conta, dando origem à tradição do “homem virtuoso”. O segundo sentido da cultura é alemão. Foi utilizado pela primeira vez por Kant, depois retomado pelo “Kulturkampf” e designa o conjunto dos processos adquiridos numa sociedade humana.

A materialização deste sonho de uma “Nova Civilização” estaria numa sociedade como a Suíça com uma sólida inter-acção a nível das Ciências Sociais e Humanas em que uma disciplina como a Teologia, por exemplo, surge de forma coerente numa Universidade que por sua vez conta com um Instituto de Sociologia e Comunicações de Massa que nunca foi em modas intelectuais e mantém desde há muitos anos uma grande independência em relação ao empiricismo liberal. O caso suíço interessa-nos chamar aqui de forma particular pois em nenhum outro país é tão vivo o debate científico/social e o drama da luta entre o poder popular expresso através de uma democracia directa extremamente viva e antiga (CONTANDO NESTE SÉCULO COM MILHARES DE DEBATES DE GRANDE VALOR, ENVOLVENDO DEZENAS DE MILHARES DE ASSOCIAÇÕES, E UM RECORD MUNDIAL DE REFERENDOS) e por outro o terrível poder dos meios financeiros, transaccional (só submetido ao poder mercantil) e não sujeito a qualquer lógica democrática. De qualquer forma, por entre os escombros desta civilização pós..... a Suíça continua a ser um exemplo para o Mundo enquanto modelo civilizacional de coexistência pacífica entre povos com culturas, línguas e religiões diferentes e sobretudo enquanto modelo de har-



monia entre alto desenvolvimento tecnológico, qualidade de vida e respeito pela natureza, NUM QUADRO CONFEDERAL QUE DEVERIA SER ADOPTADO COMO MODELO PARA A UNIÃO EUROPEIA. De referir ainda que a Suíça foi o único país do mundo que não se envolveu directamente em qualquer guerra no século XX (Garcia, 2001).

Para concluir uma nota final. Grandes filósofos, sociólogos, e um conjunto de práticas sociais que todos nós podemos encontrar no dia a dia, proclamaram e proclamam a morte de Deus, a Sua ausência ou no mínimo a sua não interferência no desenvolvimento humano. Não seria altura de rever este paradigma e entrarmos numa fase de desenvolvimento científico em que espiritualidade religiosa e ciência pudessem convergir em vez de divergir? Julgamos que sim e por isso aqui deixamos este modesto contributo para que um Novo Mundo e Novas concepções das ciências sociais e humanas sejam possíveis neste século XXI.

## **Bibliografia**

- Aristóteles, “A Política”, Vega, Universidade;  
Beaud, Paul, “La société de Connivence”, Aubier-Montaigne, 1984;  
Bourdieu, Pierre, “La misère du Monde”, Seuil, 1993;  
Bourdieu, Pierre, artigos diversos;  
Druker, Peter, “A sociedade Pós Capitalista”, Difel, 1992;  
Druker, Peter, “As Organizações Sem Fins Lucrativos”, Difel, 1992;  
Espada, João Carlos, “Direitos Sociais e Cidadania”;  
Garcia, Paulo, artigos diversos;  
Galbraith, John Kenneth, “A Sociedade da Abundância, Europa América, 1988;  
Grysperdt, Axel, Textos diversos;  
Ferran-Bechman, Dan, “Le Métier de Bénévole”, Antropos, Paris, 2000;  
Hours, Bernard, “L’Idéologie Humanitaire”, L’Harmattan, 1998;  
Habermas, Jurgen, “Droit et Démocratie”, Galimard, 1997;  
Kotler, “Marketing For Non Profit Organisations”, Prentice Hall, 1995;  
Legros, Pierre, “L’Exigence Humanitaire”, Seuil, 1998;  
Mayer, Jean François, “Les Nouvelles Voies Spirituelles”, L’Age D’Homme, Lausanne, 1993;  
Strauss, Levi, “Raça e História”, Livraria Universal, 1975.